

Word spacing standard values (90%/100%/110%, no letter spacing)

E o curioso é que você tornou-se brigadeiro (ninguém o nasce) com as intenções mais belas e mais generosas. Como todo o espírito ativo e ambicioso, quando você começou a sua carreira, desejou distinguir-se e destacar da geração sua contemporânea por uma originalidade forte. Isto é nobilíssimo: nada mais miserável do que sair da escola e ir logo tomar um lugar servil na fila balante dos carneiros de Panurgo. Por isso você, para se orientar, olhou em redor. E que viu? Um espetáculo triste: uma mocidade arrasada e cética, descrente de si mesma e do país, ignorando a tradição e escarnecendo as instituições, queixando-se da falta de tudo e não tratando de se prover de coisa nenhuma, odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril, como um mocho dentro do seu buraco, e de facto tão alheia à Pátria e ao seu génio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havre! Isto era suficiente para indignar um coração elevado como o seu. Mas, além disso, você imediatamente compreendeu que no meio de tal geração, de tal mocidade, de tal literatura, a alta originalidade, o grande relevo, estaria nisto – ser patriota. Desde esse momento você possuía a sua especialidade, a sua nota individual, o seu campo próprio a cultivar – o patriotismo. E com que sofreguidão, meu caro Chagas, você se apoderou dessa mina de ouro! Pudera! É que o patriotismo seria daí por diante para si não só uma doutrina, mas um assunto! Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para solução! Enfim, o patriotismo era a sua magnífica carreira. Carreira original – e para que você se preparou com uma sinceridade, um labor, uma dedicação que o honram. Outro qualquer ter-se-ia contentado em folhear um livro de história, para colher, aqui e além, datas ou nomes de batalhas. Você, não. Você encerrou-se dentro da História, como Carlos Magno, revolvendo o pó dos antepassados, procurando penetrar-se da nobre fé que os fez grandiosos, dormindo com as façanhas do condestável Nun'Álvares debaixo do travesseiro, para surpreender e poder imitar as palpitações daquele puro coração do herói. In-fólios, códices, manuscritos, memórias, forais, crónicas – tudo você absorveu. Mil vezes você passou e repassou, como diz Michelet, o sombrio rio dos Mortos. Dia a dia, reviveu todo o passado épico. E enfim uma hora chegou em que você decerto se considerou digno de ter recebido em Sagres, nalguma véspera de partida de caravelas, as confidências sublimes do infante D. Henrique.

Word spacing reduced values (70%/80%/85%, no letter spacing)

E o curioso é que você tornou-se brigadeiro (ninguém o nasce) com as intenções mais belas e mais generosas. Como todo o espírito ativo e ambicioso, quando você começou a sua carreira, desejou distinguir-se e destacar da geração sua contemporânea por uma originalidade forte. Isto é nobilíssimo: nada mais miserável do que sair da escola e ir logo tomar um lugar servil na fila balante dos carneiros de Panurgo. Por isso você, para se orientar, olhou em redor. E que viu? Um espetáculo triste: uma mocidade arrasada e cética, descrente de si mesma e do país, ignorando a tradição e escarnecendo as instituições, queixando-se da falta de tudo e não tratando de se prover de coisa nenhuma, odiando o solo em que nascera, a língua que falava, a educação que recebera, amuada dentro desse ódio estéril, como um mocho dentro do seu buraco, e de facto tão alheia à Pátria e ao seu génio como se tivesse sido importada de França, em caixotes, pelo paquete do Havre! Isto era suficiente para indignar um coração elevado como o seu. Mas, além disso, você imediatamente compreendeu que no meio de tal geração, de tal mocidade, de tal literatura, a alta originalidade, o grande relevo, estaria nisto – ser patriota. Desde esse momento você possuía a sua especialidade, a sua nota individual, o seu campo próprio a cultivar – o patriotismo. E com que sofreguidão, meu caro Chagas, você se apoderou dessa mina de ouro! Pudera! É que o patriotismo seria daí por diante para si não só uma doutrina, mas um assunto! Assunto para drama, para ode, para folhetim, para discurso, para grito, para solução! Enfim, o patriotismo era a sua magnífica carreira. Carreira original – e para que você se preparou com uma sinceridade, um labor, uma dedicação que o honram. Outro qualquer ter-se-ia contentado em folhear um livro de história, para colher, aqui e além, datas ou nomes de batalhas. Você, não. Você encerrou-se dentro da História, como Carlos Magno, revolvendo o pó dos antepassados, procurando penetrar-se da nobre fé que os fez grandiosos, dormindo com as façanhas do condestável Nun'Álvares debaixo do travesseiro, para surpreender e poder imitar as palpitações daquele puro coração do herói. In-fólios, códices, manuscritos, memórias, forais, crónicas – tudo você absorveu. Mil vezes você passou e repassou, como diz Michelet, o sombrio rio dos Mortos. Dia a dia, reviveu todo o passado épico. E enfim uma hora chegou em que você decerto se considerou digno de ter recebido em Sagres, nalguma véspera de partida de caravelas, as confidências sublimes do infante D. Henrique.